

A proposta do Brasil enfrenta resistência

25 FEV 1992

GAZETA MERCANTIL

por Celso Pinto
de Paris

A proposta brasileira de reescalonamento de sua dívida oficial de US\$ 21 bilhões no Clube de Paris esbarrou, ontem à noite, na resistência de alemães e japoneses em aceitar a inclusão no pacote de dívidas que estão vencendo em 1992 e 1993.

Mesmo assim, no entanto, duas fontes brasileiras mantinham o otimismo sobre a possibilidade de se chegar a um acordo hoje.

O pacote de reescalonamento proposto originalmente pelo Brasil envolve cerca de US\$ 13,5 bilhões. Deste total, US\$ 8,6 bilhões são juros e amortizações atrasados e US\$ 4,9 bilhões são dívida a vencer neste ano e no próximo. O Brasil quer incluir estes vencimentos no reescalonamento, porque o último acordo feito com o Clube de Paris, em 1988, acabou criando uma concentração de vencimentos a partir de 1992.

Segundo fontes brasileiras, contudo, japoneses e alemães insistiram, ontem à noite, em que o Brasil deveria respeitar o que foi assinado em 1988 no que se refere aos vencimentos a partir deste ano. As negociações prosseguiram durante a noite, com o Brasil trabalhando em novas idéias. A

perspectiva mais otimista era de que a negociação fosse esticada até onde fosse possível para que se pudesse assinar um acordo ainda hoje.

Do pacote de reescalonamento proposto pelo Brasil, cerca de US\$ 4,5 bilhões representam dívidas ainda não previamente reescalonadas nos três acordos anteriores do Brasil com o Clube de Paris. Um dos problemas esperados nesta negociação era com os cerca de US\$ 9 bilhões já previamente reescalonados.

Embora o Clube de Paris já tenha feito, no passado, renegociação de dívida já renegociada antes, esta não é a prática usual e esperava-se resistência, especialmente devido à dimensão da dívida brasileira, ao porte do País e ao estágio do seu ajuste econômico.

O problema surgido acabou sendo em relação à inclusão de dívida a vencer depois deste acordo. Na negociação, o Brasil conta, em especial, com o apoio norte-americano, francês e italiano. O Brasil está pedindo um reescalonamento por dezoito anos, o maior prazo já concedido antes pelo Clube de Paris, para a maioria da dívida incluída no pacote.

(Continua na página 26)

ACERTO EXTERNO

A proposta do Brasil...

25 FEV 1992

por Celso Pinto
de Paris

(Continuação da 1ª página)

A negociação, no centro de convenções do Ministério das Finanças, em Paris, foi aberta, pela manhã, com relatos sobre o programa econômico brasileiro feitos pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, pelo presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias (que veio a Paris especialmente para isso), pelo diretor do Banco Mundial, Armeane Choksi, pelo economista do FMI José Fajgenbaum, e por um representante da UNCTAD. O embaixador do Brasil na França, Carlos Alberto Leite Barbosa, disse que o clima foi "de compreensão e simpatia" e que as reações foram positivas.

Alguns representantes queriam saber mais detalhes sobre o programa de privatização e aspectos do programa econômico, como a abertura do comércio exterior. Perguntou-se sobre o nível de reservas. O diretor da Área Externa do

Banco Central, Arminio Fraga, respondeu, segundo Leite Barbosa, citando o número oficial de novembro, US\$ 8,5 bilhões. Cálculos extra-oficiais indicam que as reservas já estavam em US\$ 11 bilhões. O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, numa viagem à Europa, há duas semanas, admitiu que as reservas estavam pouco abaixo de US\$ 10 bilhões.

Houve algumas manifestações de apoio às idéias que sustentam o programa econômico brasileiro, mas não houve referências específicas à proposta do Clube de Paris, disse um diplomata brasileiro.

A mecânica da reunião do Clube de Paris prevê que os governos credores se reúnam em separado, enquanto a delegação brasileira espera numa sala à parte. Quando se chega a pontos de discussão, os dois lados reúnem-se. Se a conversa empaca em questões específicas, separam-se novamente. Este processo começou, para valer, a partir das 16 horas.

O Brasil veio com uma equipe grande: além de Gros e Fraga, veio o negociador da dívida, Pedro Malan, o secretário do Tesouro, Roberto Figueiredo, o procurador-geral da Fazenda, Tércio Sampaio Ferraz, o diretor do departamento de assuntos internacionais, José Arthur Denot Medeiros, além de mais três técnicos do BC e três diplomatas da embaixada em Paris. Como o Brasil veio a Paris disposto a fechar negócio, veio preparado para mexer e recalcular o que for preciso.

O Clube de Paris, segundo Barbosa, estava representado por doze países: Estados Unidos, Alemanha, França, Itália, Espanha, Japão, Grã-Bretanha, Suíça, Holanda, Canadá, Áustria e uma nação escandinava.

Ao todo, havia cerca de cinquenta representantes de países credores na negociação. O presidente do Clube de Paris é o francês Jean-Claude Trichet.

GAZETA MERCANTIL